

FORNADA DO MILÊNIO

Quentin Tarantino e a Idade do Gelo

GERALD THOMAS
em Nova York

Não é coincidência que grande parte do Hemisfério Norte esteja coberto de gelo. O mundo "cult" também está. A moda, os pensadores franceses, as intermináveis instalações de arte e o cinema "cult" estão enfrentando a sua pior dupla de inimigos: o descrédito e a ironia em relação a suas respectivas existências.

Uma onda recente de ridicularização une — talvez por um mero acaso internacional — Jean Baudrillard, Jacques Lacan e, quem diria, Quentin Tarantino. Os pensadores franceses estão sendo retratados como "...impostores, medíocres e pretensiosos salafrários que, especialistas na habilidade de dissecar, analisar e desconstruir as múltiplas camadas impactantes da arte considerada 'verdadeira', conseguiram aniquilar qualquer instinto criador e, em vez de proporem alguma coisa, se dissolvem em dissimulações e, no final, nada têm pra dizer".

Essa recente onda de ridicularização vem de vários cantos e das mais variadas camadas da comunidade artística, filosófica e até científica.

Os que disparam contra os pensadores franceses são dois hilariantes professores que já causaram muitas gargalhadas e fúria no meio acadêmico, no passado. Há alguns anos, o belga Jean Bricmont e o americano Alan Sokal queriam provar a fragilidade e canalhice do pensamento contemporâneo e, intencionalmente, teceram um trato filosófico, que



ARTHUR FAJARDO

nada mais era senão a mistura e inversão de tratados existentes condecorados, deliberadamente recheados de erros e trocadilhos.

O tratado foi analisado e publicado sob os maiores elogios. Alguns dos nomes mais notáveis do mundo científico e filosófico o endossaram como sendo "brilhante". Tempos depois, os dois professores confessaram a brincadeira e, evidente, criaram o vírus irreversível da desconfiança dentro da elite mais "séria" do planeta. Agora, eles estão de volta, investindo contra os "impostores franceses" (leia-se de Sartre em diante).

Tarantino não faz parte da ironia dos professores. Como artista, ele está tendo que ar-

car com um sarcasmo muito pior e mais cruel: o do público. Seu mais recente filme, "Jackie Brown", está sendo recebido com bocejos, roncos e comentários irônicos da mesma platéia que o havia escolhido como "papa cult", quando confirmara com "Pulp Fiction" o talento inovador que havia revelado em "Cães de Aluguel". O público tem razão, o filme é chatíssimo. A trama está completamente fora do tempo presente e, o que é ainda pior, fora do futuro.

O que vemos é uma série de valores, dramas e personagens construídos "conceitualmente". Tarantino é um estudioso de cinema. Cada frase é uma citação. Cada cena, uma referência. Mas essa regurgitação

de fragmentos não resulta no "mito" ou na "mitologia" professada pelos semiólogos franceses. Resulta numa arte premeditada, formal, dura e fria, como o gelo que cobre Nova York.

Mas onde a obra de Tarantino se encontra com a dos pensadores franceses e até que ponto o fracasso de "Jackie Brown" encontra explicações no livro que detona os franceses? A rudeza e o vazio de seus personagens nada mais são do que a trivialização e a bestialização da banalidade. O texto é deliberadamente tratado para soar ainda pior.

Mas, se juntarmos todos os elementos da trama e subdividirmos os valores em exposição no filme, como se desen-

volverem, o que demonstram, no que resultam, podemos ficar surpresos. A "lucidez" (e extremo didatismo) da obra de Tarantino retrata o mesmo "vazio ético" tão proclamado pelos pensadores franceses.

Se prestarmos atenção aos seus brilhantes disfarces, encontraremos em Tarantino um pensador, tão "self conscious" quanto qualquer artista conceitual deste século, incluindo Sartre e Godard.

Tarantino se propõe a revelar a tão confusa e variada identidade do cinema americano, ainda a maior fonte de cultura desse país. Seus filmes, quadro a quadro, pretendem "traduzir" as entrelinhas invisíveis, sedutoras e esquecidas de uma máquina usada e abusada através do mais excitante de todos os séculos, mas ainda não entendida.

Se Tarantino estiver certo, "entender" a identidade dessa máquina, desse cinema, significaria entender a identidade do próprio país que ela retratou e a dos "gênios" que ela criou.

O processo de Tarantino é "self conscious" e, até certo ponto, auto-enaltecido, porque, se entendermos — por meio das entrelinhas de seus filmes — os gênios do passado e do presente, entenderemos o próprio Tarantino, soma de todos eles, desde Sam Peckinpah, John Huston, John Waters até o bom e velho Martin Scorsese, de "Caminhos Perigosos" e "Os Bons Companheiros".

Mas reside justamente aí a crítica ridicularizante dos dois professores aos pensadores

franceses. Os franceses, como Tarantino, estão pouco se lixando para o mundo que está pela frente. Nos seus vocabulários, o mundo virtual da Internet, ou do possível clonismo humano, só serão abordados quando estiverem na segura e explicável categoria de "fenômenos passados".

Atacados por serem "crianças que sofrem de um narcisismo excessivo", os pensadores franceses provavelmente deixarão passar essa, como deixaram passar todas as outras. Mas, quem sabe, Quentin Tarantino, ao ler as zombarias que dominam a imprensa nova-iorquina, não lucraria dessa polêmica que não o incluiu, mas que explica, melhor que qualquer crítica, o fracasso de seu último filme, isto é, o fracasso da tentativa de somar, diminuir, multiplicar e dividir tantos fatores... O fracasso de tentar substanciar cada sentimento de cada personagem em minipartículas que só visam refletir a sua própria genialidade.

E, quem sabe, os pensadores franceses, depois de arrancar mais uma vez a pele daquilo que já está nu há tanto tempo, irão a uma sessão de cinema. Um filme escrito e dirigido por Quentin Tarantino. Um filme brilhante, inovador, vigoroso, que ele rodou após se deparar com a crise de "Jackie Brown" e a crise dos pensadores franceses. Quem sabe, o círculo do "nada" será quebrado e sairemos da Idade do Gelo.